

OS "BONECOS" DA TV E O REPÓRTER

Teobaldo Landim

Professor-Adjunto do Curso de Comunicação Social, do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia. Diretor Superintendente da Fundação de Teleducação do Ceará.

Recebi a missão da minha amiga-editora Adísia Sá para falar sobre o telejornalismo no Ceará. Recorri a alguns amigos, dentre os quais Guilherme Neto, para colher elementos históricos vividos por estes amigos numa das etapas mais ricas da cultura e das artes, em nossa terra, decorrente da implantação da primeira emissora de Televisão, a nossa TV-Ceará canal 2.

Poderíamos partir de conceituações teóricas para situar, a seguir, o pioneirismo local em matéria de telejornalismo. Já se tentou, de muito, caracterizar todas as modalidades de televisão, as suas repercussões e a natural decorrência das mudanças de comportamento face ao surgimento do meio, o qual considero o ápice da revolução *post* industrial dos nossos dias.

A televisão, seja o gigante tímido de MacLuhan ou mais um envólucro industrial da cultura de massa de Morin, a verdade é que a sua visão se faz diante da tecnologia que representa face a uma determinada época. Meio eletrônico, imagens eletrônicas, a TV se enquadra como instrumento de uma época de grandes transformações e de profundas mudanças no campo social.

A afirmação de que toda tecnologia nova altera, transforma e modifica o ambiente social inclui, mais do que qualquer outra tecnologia, a televisão. De imagem qualitativamente inferior à do cinema, entretanto, esta baixa saturação de dados é a responsável pelo maior envolvimento do receptor de suas mensagens. A baixa saturação de dados propiciada pela imagem de televisão a coloca num plano de envolvimento total do telespectador, gerando daí a sua linguagem própria, a sua autonomia como meio.

Poderíamos utilizar um velho recurso didático para demonstrar, facilmente, a sua caracterização como meio envolvente. A caricatura e a fotografia. A fotografia nos fornece uma saturação de dados bem ampla, completa em função dos seus recursos técnico-mecânicos, enquanto a caricatura, de forma diferente, organizada em sua linguagem artística de traços, nos fornece uma baixa saturação de dados.

Na fotografia identificamos todos os seus elementos, logo à primeira vista, enquanto a caricatura nos convoca a uma reflexão, a uma forte participação mental na composição e identificação da sua mensagem. Este fato chama-se maior envolvimento, e por via de consequência, maior participação. Esta realidade, portanto, se aplica à imagem do cinema e à imagem da televisão, a primeira produzida de forma mecânica como a fotografia, na base de quadro por quadro, fornecendo a mais alta saturação de dados e a segunda, formada de pontilhos de luz, de forma eletrônica, nos chamando a uma participação mental semelhante à caricatura.

Esta diferença, simplesmente, justificaria um esquema bastante prático, aplicado didaticamente. Se as condições de produção se apresentam de forma diferente, evidentemente que o consumo se faz igualmente diferente. Quer dizer, a linguagem deve ser outra e os fatos apresentados com um novo tratamento. Mais ainda: fatos que são levados ao cinema dentro de um enfoque de imagem podem e devem ser diferentes da televisão.

O "gigante tímido", por seu turno, na proporção que se apresenta, que se pesquisa e que se vasculha, apresenta novas

facetas além e por dentro dos seus caracteres tecnológicos. Veja-se, por exemplo, o aspecto relacionado com o espaço físico e social de sua audiência. Enquanto o cinema, o teatro e o concerto têm o palco e o auditório como espaços físicos de emissão e respectivamente de audiência e recepção, com seus pontos divergentes e convergentes no que diz respeito aos resultados, a televisão tem seu próprio espaço físico de emissão e de audiência.

Para ser mais claro, o espaço físico de audiência da televisão, ao contrário do cinema, do teatro ou do concerto, é exatamente a sala de visita ou a alcova. A integração entre o espaço físico e a forma de produzir se faz de maneira bem significativa onde a interação de um e de outro é capaz de definir a sistemática do meio, o seu esquema produtivo e os temas com seus respectivos conteúdos.

Os produtores de televisão estão certos de que as produções cujas situações se assemelham ou reproduzem o espaço físico da audiência obtiveram os maiores níveis de aceitação. Quer dizer, sempre que produzimos como reprodução dos problemas da interioridade do lar, da família, os problemas que circundam a alcova e a sala de visita estaremos alcançando o espaço físico de maneira completa e integrada.

Seria esta a razão fundamental das produções de Janete Clair, Dias Gomes, Lauro César Muniz? A tecnologia altera o ambiente social, modifica os padrões de comportamento das pessoas que se colocam diante desta realidade, mas não quer dizer que a tecnologia da TV tenha liquidado a família, mas modificado o comportamento e, portanto, o próprio conceito de família.

Em torno da televisão se encontra a família, as imagens falam e todos se calam, todos se envolvem. Alguém assiste televisão e somente o faz isto, não pode e nem tem condições de desenvolver outra atividade paralela como a empregada que ouve rádio e faz o almoço, o motorista que ouve rádio e dirige seu carro. A televisão absorve, consome integralmente o telespectador enquanto é consumida.

Não vamos expandir as demias condições teórico-práticas relativas à televisão, nem tampouco nos alongarmos nos aspectos de indústria cultural que o meio representa. Vamos deixar de lado as diferenças básicas de matéria-prima, de consumo ultra ligeiro da produção, as simplificações, modernizações e atualizações da alta cultura ou cultura cultivada dentro da cultura de massa que torna divergente a administração da indústria cultural em relação a outros modelos industriais. Vamos entrar diretamente no telejornalismo distanciado do jornalismo televisado que muitos confundem.

O princípio básico maior de qualquer informativo é de que se trata de uma informação da atualidade ligada a um espaço-tempo, a uma comprovação de afirmações contidas no texto através da imagem e a colocação sistemática destas informações dentro de parâmetros temáticos que correspondam à reprodução analógica do espaço físico de audiência. Significa dizer que a própria seleção de notícias se faz basicamente em função da quantidade disponível de imagens para cada fato e, no mesmo pé de igualdade, sem ordem cronológica, a preferência por elementos noticiosos que interessem e respondam os desejos e aspirações da interioridade e dos problemas do lar.

O telejornalismo, no plano nacional, tem se comportado dentro destes parâmetros da reprodução analógica, da comprovação por imagens dos fatos? Se no plano nacional e internacional as produções assim se comportam, para partir de uma premissa, terão estes noticiosos pela televisão um nível de apresentação realmente condizente com a filosofia do meio e as suas características? Estamos brincando de televisão ao fazer jornalismo? E a participação do repórter com a prevalência do "boneco", do astro ou da vedete servindo de pontes ou segmentos entre os diversos assuntos?

Vamos tentar algumas colocações para chegar à posição histórica do telejornalismo no Ceará. O telejornalismo, com ou sem suficiência de imagens, tem se vinculado muito pouco àqueles temas noticiosos que dizem respeito à reprodução analógica da sala de visita como custo de vida, temas edu-

cacionais, os problemas da criança e outros que fervem dentro do lar.

A pobreza das estações de televisão no plano regional tem deixado o telejornalismo sem os seus instrumentos de externa adequados. Brincamos de fazer telejornalismo quando jogamos pequenas câmeras de meia polegada, instrumento de rico americano utilizar no lazer de suas fazendas, para documentar acontecimentos, sem qualidade de imagens e na maioria dos casos sem dispor de um equipamento simples que se chama editor para montagem destas informações gravadas nas externas.

O que se grava na rua, interessante ou não, longo e cansativo ou não, vai para o ar com os "bonecos" fazendo os segmentos ou ligações entre o palco da ação documentada pelo repórter e o contexto do noticioso. Está no aparelhamento da televisão e na utilização de pessoas que estudam o veículo os problemas da qualidade do telejornalismo ora produzido no Ceará.

Não se pode contrair fórmulas especiais com os padrões impostos no campo nacional. Padrões que vão da cenarização às formas de apresentação, a voz semelhante ao padrão, a despedida igual ao padrão e até a maneira de juntar os papéis e se desfazer do microfone de lapela. As condições próprias de personalidade de cada apresentador, as colocações da realidade regional, nada disso é levado em consideração na tentativa de uma unidade que chamamos de unidade dos contrários, na maioria dos casos.

João Guilherme da Silva Neto, o primeiro assessor direto de um estudioso, prático e semeador de televisão, Péricles Leal, responsável pela montagem de uma dezena de estações de televisão neste País, das quais a nossa TV-Ceará canal 2, nos faz um pequeno histórico do telejornalismo no Ceará. Uma fonte insuspeita por ter sido o homem escolhido pelo próprio P. Leal para dirigir o canal 2 após sua instalação e primeiros anos de funcionamento.

Primeiros anos de funcionamento, diga-se de passagem, produzindo, preparando elencos, levando ao ar programas do

mais alto nível, dos clássicos do teatro grego montado para televisão até mesmo as criações locais. Vamos ler a opinião do Guilherme:

Poderíamos dizer que o telejornalismo cearense nasceu adulto. Por certo não estaríamos pretendendo afirmar que o mesmo telejornalismo vanguardeiro, pioneiro em nossa terra, nada deva ao que hoje vemos em nossas principais emissoras de televisão. Mas, considerando-se o que foi posto no ar nos idos de 1960, novembro, quando a TV CEARÁ, sob a orientação de Péricles Leal, lançou, antes das 20 horas, o seu **REPÓRTER CRUZEIRO**.

REPÓRTER CRUZEIRO

Rinauro Moreira, cenógrafo da TV CEARÁ, por inspiração de Péricles Leal, criou um cenário que por muitos anos foi a marca daquele noticioso televisado. Era um globo terrestre, com antena de TV aplicada, com raios de cobertura se projetando em sentido horizontal. Visualmente, ainda que concebido e realizado em preto e branco, o cenário valorizava o espetáculo que teve em Narcélio Limaverde seu primeiro apresentador, uma espécie de escola que seria modificada, através dos anos, especialmente dentro dos limites da emissora pioneira, por outras formas e características que hoje se repetem, mesmo dentro das cadeias que operam desde as emissoras do Sul. A equipe de produção, àquele tempo dirigida pelo jornalista Luciano Diógenes, contava com imagens do cinegrafista Leocácio Ferreira, o primeiro profissional do gênero em nossa terra.

Convém salientar que, afora a forma, produto da experiência comprovada de Péricles Leal, tudo o mais era fruto do talento da gente da terra. Utilizavam-se, então, todos os recursos disponíveis: filmes negativos, *slides* e efeitos eletrônicos. As entrevistas, que não poderiam ser feitas fora dos limites dos estúdios, por falta absoluta de meios, eram, via de regra, bastante objetivas.

Por ser absolutamente importante, registramos que, já em 1960, a TV CEARÁ realizava reportagens externas, tendo sido o seu espetáculo inaugural, justamente, uma externa levada a efeito da Concha Acústica, quando o Balé de Regina Picanço ali dançou.

TELEJORNAL CRASA

Várias modificações estruturais afetaram o REPÓRTER CRUZEIRO, depois denominado NOTICIÁRIO RELÂMPAGO, especialmente quando a direção do telejornalismo passou a ser desenvolvida por J. Ciro Saraiva, Aderson Braz, Augusto Borges e Teobaldo Landim, diretores que, cada um a seu tempo, vivendo os dias de então, impuseram diretrizes novas ao principal noticioso da televisão que amadurecia. Entretanto, o grande marco modificador do telejornalismo foi o TELEJORNAL CRASA, um espetáculo que reunia um grupo de profissionais, que escreviam e apresentavam, setorizada-mente, o mundo noticioso de então.

O TELEJORNAL CRASA utilizou, pela primeira vez em nossa televisão, um cenário composto de vários *sets*. Nele, todos os assuntos entravam separadamente. Nada havia que os unificasse ou procurasse lhes dar uma continuidade. Oferecendo câmeras e microfones para jornalistas e radialistas, isto é, para locutores e não locutores, o TELEJORNAL CRASA realizava uma revolução na forma e no conteúdo. Além do mais, o noticioso se fazia em hora mais adiantada permitindo-se, desta forma, uma maior gama de informações.

DIMENSÃO TOTAL

O grande “salto” de qualidade e objetividade dos nossos telenoticiosos ocorreu com o advento do DIMENSÃO TOTAL, um informativo de uma hora de duração, posto no ar ao meio dia, de segunda a sábado, pela TV CEARÁ, graças à pertinência dos senhores Anastácio Sousa e Eduardo Cortez Campos.

Na história do telejornalismo cearense, DIMENSÃO TOTAL surge como o primeiro programa jornalístico que, a despeito de ser setorizado, possuía unidade redacional que lhe conferia um aspecto único. Havia uma dupla de apresentadores que unia o todo. A ela cabia o “chamado” dos vários setores. Através dela se ligavam os que cobriam a sociedade, o esporte, a política, as diversões, a polícia, a cidade, o Estado, o País e o mundo. Foi, inegavelmente, o primeiro informativo descontraído, informal, quando as emissoras do Sul ainda mantinham aquela postura do narrador super eficiente, senhor de todos os acontecimentos, dono da verdade absoluta dos fatos. DIMENSÃO TOTAL sacudia o pó dos anos e partia para uma nova forma de telejornalismo, uma nova maneira de informar.

Após uma visão assim, resta-nos uma última e realística conotação. Depois que a TV-Ceará aposentou suas produções locais, depois que produtores famosos e artistas não menos credenciados como Renato Aragão, Emiliano Queiroz, Ary Sherlock e muitos outros desapareceram, a semente deixada por P. Leal foi frutificar em outras praças. Os homens de rádio continuaram a ser levados para a televisão, com o surgimento de outros canais, mas sem aquela preparação, sem aquela adaptação indispensável de linguagem que se tornou pioneira com a presença de P. Leal aqui por mais de um ano.

Sem estudar o meio como ciência, improvisando-se profissionais, a invasão em massa dos enlatados em todas as áreas, as deficiências de criatividade raciocinada dentro dos princípios do meio, começaram a desaparecer. E com isto, o próprio telejornalismo sentiu e sente a grande diferença que todos fazem entre o estudioso e o prático de televisão. Sente-se na preparação das imagens fora, na elaboração do *script* com suas frases longas, sem o fator chave da informação até nas próprias características da apresentação.

Só se desenvolve a criatividade diante de alguns fatores: a necessidade e o desafio, interpondo-se entre ambos o conhecimento como repositório de teorias e práticas transmitidas de uma a outra geração.